

COTAS E ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ADAPTAÇÃO E A COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO ACADÊMICO POR JOVENS COTISTAS

Andreson Patricio da Silva ¹

Alaelson Patricio da Silva ²

Alan Henrique Patricio da Silva ³

Douglas Patricio da Silva ⁴

Wesley dos Santos Lima⁵

RESUMO

O presente artigo busca apresentar o resultado problematizado da pesquisa realizada pelos estudantes da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Miracema. O trabalho em questão retrata apontamentos sobre o processo de adaptação de jovens cotistas no espaço acadêmico e a estrutura educacional da universidade. A partir da caracterização da área de estudo, da pesquisa bibliográfica e do trabalho em campo, obtivemos resultados significativos que perpassam tanto o campo da psicologia, como também, o campo da educação e dos estudos sociais. Destarte, a discussão em questão tece comentários que abarca a saúde psíquica dos estudantes cotistas da universidade pública e de como estes se adaptam ao espaço acadêmico e científico.

Palavras-chave: Adaptação, Universidade, Saúde, Cotas, Desigualdade-Educacional.

INTRODUÇÃO

A modernidade como processo histórico, se engendra pela inovação, tecnologia e uma gama de informações que configuram os espaços sociais e a vida os sujeitos dessa Era. Dessa forma, a juventude que surge dentro desse processo histórico, anseia cada vez mais com a novidade e com a diferença, baseada principalmente na facilidade de comunicação e informação.

De acordo com Bock (2007), em uma revisão literária e conceitual do termo “juventude”, os autores clássicos ligavam o período que marca a juventude como sendo algo

1 Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins - UFT, (Campus de Miracema) andreson.silva@uft.edu.br;

2 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins - UFT, (Campus de Miracema) alaelson.patricio@uft.edu.br;

3 Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins - UFT, (Campus de Miracema) alan.henrique@uft.edu.br;

4 Graduando do Curso de Direito da Universidade Federal do Tocantins - UFT, (Campus de Palmas) douglas.patricio@uft.edu.br;

5 Orientador: mestrando pelo programa de pós-graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, (Campus de Porto Nacional) lima.wesley@mail.uft.edu.br

natural, linear e ligado à escolarização e ao mercado de trabalho. Dito isso, buscamos na abordagem do nosso recorte temático uma perspectiva crítica socio-histórica, e, portanto, é necessário discorrer sobre as diferentes óticas desse período:

A adolescência não é vista aqui como uma fase natural do desenvolvimento e uma etapa natural entre a vida adulta e a infância. A adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência enquanto fenômeno social, mas o fato de existirem enquanto marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural. (BOCK, 2007, p. 68)

Dessa forma, compreendemos a fase da adolescência associada com a juventude como constructos sociais, sendo assim, tais construções não são suficientes para abarcar toda a dimensão simbólica e temporal que o sujeito perpassa nessa etapa da vida. Dito isso, nossa análise de estudo busca investigar o processo de adaptação dos jovens que não necessariamente se enquadram na idade cronológica no qual este está vivendo.

A pesquisa em questão se justifica pela relevância no cenário atual de mudanças na estrutura social. Após a criação de uma série de políticas públicas, a universidade brasileira se diversificou e mesclou seu público estudantil. Jovens de baixa renda, negros, indígenas e outros sujeitos que antes estavam à margem da universidade, hoje, configuram como uma grande maioria. Contudo, o acesso desses estudantes no espaço acadêmico, não foi e não é uma etapa fácil.

O processo de adaptação de ingressantes ao ensino superior é em muitos casos constituído de forma conturbada. De acordo com Mondardo (2005) e Silveira et al. (2011) isso deve-se ao fato desse ser um período onde o estudante passa pelo afastamento da família de origem, isolamento social, competição para entrar no ensino superior, não preparação para enfrentar a dinâmica da graduação, a superproteção dos pais e constituição de novas relações.

Como colocamos acima, esse é um período onde se passa por muitas mudanças na vida do estudante tanto por ser um período de mudanças biológicas como por ser um período de mudanças sociais. Devido essas mudanças tem-se em muitos casos de doenças nesse público, sendo que a depressão é a que mais aparece entre todos os transtornos (20,9%) de acordo com Silveira et al, (2011). Ainda segundo o autor supracitado, privações do comportamento alimentar apareceram no diagnóstico com uma frequência de 3,7%. Na mesma pesquisa tem outros transtornos que aparecem com uma frequência intermediária entre os anteriores. Acrescentamos que no estudo de Silveira et. al. (2011) somente 51,1% não apresentavam antecedentes marcados com patologias.

Observamos a necessidade de pesquisar sobre o processo de adaptação dos jovens ao ensino superior, posto os motivos descritos e analisados por diversos teóricos. Esses jovens passam por várias mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais. Tudo isso por não terem auxílio para se ajustarem na universidade, com isso, estudantes que necessitam de um suporte e não obtém, findam sua vivência acadêmica com a evasão. Segundo Dutra-Thomé et al (2016) os jovens que vem de origem familiar de classe-econômica e baixa renda, tem maiores chances de desistir da graduação.

Nessa pesquisa nosso campo de estudo para a verificação dos dados foi à universidade. Logo, é importante conceituar a estrutura dessa instituição, sendo assim, compreendemos as universidades como instituições pluridisciplinares de formação de profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber e se caracterizam pela produção intelectual de temas relevantes, possui em seu corpo docente um terço, ao menos, em regime de dedicação integral e com nível acadêmico mestre ou doutor (BRASIL, 1996).

METODOLOGIA

Este trabalho constituiu-se de algumas etapas para atingir os resultados alcançados. A primeira etapa se estabelece a partir de um levantamento bibliográfico acerca do tema, onde foi feito uma análise de base qualitativa. O processo de análise foi guiado pela investigação qualitativa que consiste em fazer uma análise em busca de aspectos substanciais da temática. Dessa forma, torna-se possível investigar aspectos subjetivos e questões sensíveis, tanto no campo da educação como no campo da psicologia. A investigação qualitativa torna possível investigar fatores íntimos porque cria uma proximidade entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2006).

Como desenvolvemos uma pesquisa que visa aspectos de fenômenos de constituição psicológica e não meramente material ou físico, precisamos da pesquisa qualitativa para investigar esse fenômeno que “ora é processo, ora é estrutura, ora manifestação, ora relação, ora é conteúdo, ora é distúrbio, ora experiência. É interno, mas tem relação com o externo. É biológico, é psíquico e é social, é agente e é resultado; é fenômeno humano, relacionado ao que denominamos ‘eu’” (BOCK, 2001, p. 21).

O levantamento bibliográfico consiste em levantar um banco de dados teóricos que aborde o tema proposto. Porém, não é objetivo desse tipo de estudo esgotar todo o conhecimento produzido pelos estudiosos da temática. Pretende-se estudar os conteúdos mais importantes para-se ter um embasamento teórico. Para isso, realizamos pesquisas em livros e

artigos científicos, pois, para Gil (2007, p. 44) "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente em livros e artigos científicos".

Nosso estudo, também, faz-se a partir de um estudo empírico sobre o tema realizado na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Nosso grupo de investigação foi composto por jovens cotistas do curso de Pedagogia e do curso de Psicologia. Selecionamos pessoas que estavam estudando entre o primeiro e o quinto período dos cursos. Visamos, dessa forma, ter um número expressivo de pessoas que estavam vivenciando os problemas destacados ao longo do texto, no momento exato da realização da pesquisa.

O estudo também se organiza pelo trabalho em campo. Acerca disso, utilizamos como instrumento um gravador instalado no celular para que pudéssemos fazer uma análise mais detalhada dos nossos dados coletados, através da entrevista produzida com nossos estudantes/entrevistados. No trabalho de campo, realizamos as notas de campo de modo que nada se perdesse no tempo, assim, a nota de campo de acordo com Simões e Sapeta (2018) consiste em fazer anotações sobre assuntos que emergem durante a entrevista e irão auxiliar depois, durante o relatório final, em aspectos substanciais da pesquisa, elas tem três funções principais: descrever os atores, o cenário e os símbolos estudados. A nota de campo não se confunde com o diário de campo, elas são pontuais e feitas durante a entrevista.

A entrevista produzida em campo possibilita que o entrevistado revele coisas que não revelaria nem mesmo para pessoas mais próximas, segundo Simões e Sapeta (2018). Porque como o processo de entrevista são encontros que se dão de forma relativamente rápidos e que não vai comprometer a identidade do sujeito esses aspectos subjetivos são revelados.

No mais, a metodologia finaliza com a pesquisa realizada no laboratório de informática (Labin) da UFT, *Campus Miracema*. Esse local foi escolhido por que: o local da pesquisa deve ser responsabilidade e controlado pelos pesquisadores, porém deve ser um local onde o entrevistado sinta-se a vontade para expor aspectos da sua subjetividade (SIMÕES E SAPETA, 2018).

DESENVOLVIMENTO

Segundo Santos (2013) alguns dos fatores que influenciam negativamente para o processo de adaptação dos estudantes ingressantes à Universidade é a romantização que se tem desse local e isso leva o estudante a passar por sérios problemas de adaptação. Para Santos (2013) os principais empecilhos que esses estudantes encontram são as condições de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

moradia, alimentação, a possibilidade de atividade laboral para possibilitar condições financeiras propícias a se manter no curso. Também, o afastamento da família é um dos aspectos estruturante no processo de adaptação dos jovens ao ensino superior. Ainda segundo esse autor, a estrutura e a qualidade do ensino na instituição é de fundamental importância para que os jovens consigam ter uma adaptação boa ao ensino superior.

Outro ponto que não pode ser deixado de lado, e sem dúvida tem peso constituinte do processo de adaptação, é o histórico escolar anterior vivenciado pelo estudante e as exigências curriculares. Não precisa muito esforço para notar que realmente faz bastante sentido que as experiências ou a ausências delas durante a vida do estudante tem fundamental importância para a adaptação dele ao ensino superior. Se uma pessoa tem uma infância e uma adolescência com condições educativas que propiciam uma adaptação adequada ao modelo de ensino, então, é de se esperar que essa pessoa venha a ter um bom desempenho na adaptação quando ingressar no nível superior.

Vale ressaltar que para que as experiências sejam realmente inclinadas a ajudar no processo de adaptação elas devem surgir de uma educação que visa desenvolver essas habilidades. Isso, pois, se o sistema de educação que a pessoa estiver inserido propiciar a vivencia para o indivíduo, mas ela não for capaz de desenvolver essas habilidades, esse estudante não vai desenvolver sozinho. Para que fique claro, o processo adaptativo dos estudantes não ocorre como a fala de Henry Clay de 1832 no senado norte-americano: “nós somos uma nação de *Self-Made Men*” (apud KIMMEL,1998, p. 111), onde o ser humano é capaz de se esculpir por si próprio ao modelo que deseja, para esse jovens ingressante ao nível superior precisa-se de todo um histórico para que se tenham uma adaptação adequada. Portanto, a adaptação está diretamente vinculada com as experiências que a pessoas teve.

Para Zago (2006) o processo de adaptação no nível superior é construído ao longo de toda carreira estudantil da pessoa. Esse processo está para além do espaço físico da universidade e do tempo que esse estudante passa por ela. Por isso, para uma boa adaptação ao Ensino Superior faz-se necessário um processo contínuo.

Outro ponto que Santos (2013) destaca como sendo fundamental para a adaptação dos jovens ingressantes ao nível superior é o novo círculo de relacionamento social. Isso se faz importante porque esse fator, juntamente com os anteriores, torna a vida do ingressante estressante, segundo Mondardo (2005).

Uma questão que contribui de forma imperiosa para a adaptação dos jovens e, em especial, de cotista é o preparo que a instituição tem para lidar com essas pessoas que vem de lugares e, portanto de culturas diferentes para a instituição. Segundo Zago (2006), Gisi

(2006), Ribeiro (2005) e De Oliveira Maier mais De Mattos(2016) as universidades não estão preparadas, não desenvolveram instrumentos capazes de lidar com essas pessoas. Desse modo, os ingressantes acabam por não ter outra opção se não desistir ou até mesmo passar crises na saúde, seja ela física ou distúrbios psíquicos.

A desistência do curso dá-se pelo processo de evasão escolar. Segundo Morosini (2011) a evasão é um fenômeno educacional complexo que ocorre em todas as instituições e afeta o sistema educacional como um todo. O que ocorre na evasão escolar é o resultado dos diversos processos sociais que temos em nossa sociedade, pois como ressalta o sociólogo Fernandes (1965): fenômenos sociais estão em um plano convergentes onde sempre há uma relação de um com o outro, em outras palavras, podemos dizer que um fenômeno social nunca está isolado dos demais, sempre haverá fragmentos de um no outro.

Se há o processo de evasão é porque as pessoas não conseguem se adaptarem ou não houve uma constituição de adaptação da instituição a ponto de propiciar uma conciliação de aspectos já consolidados na vida com novos modelos de vivência. Podemos notar que isso se faz presente no ensino superior, apesar de Queiroz e Santos (2010) apontar que as pessoas que entram por cotas em muitos casos tem um desempenho igual ou até mesmo superior que aquelas pessoas que não precisam de cotas. Se a pessoa teve problemas com a escolarização anterior, e tem um desempenho razoavelmente satisfatório no ensino superior não é difícil imaginar que essas pessoas precisam fazer um grande esforço para que isso seja verdade.

Os sujeitos que passam a viver em um contexto que nem ele foi preparado pela educação anterior e nem a nova educação está preparada para suprir as suas necessidades e déficit terão, por lógica, que se esforçar muito mais que se eles tivessem tido uma preparação voltada para desenvolver habilidades desse natureza. Também, terão que se esforçar muito mais que as pessoas que tiveram uma educação que desenvolveu essas habilidades.

Uma causa do despreparo para a adaptação ao nível superior é denunciado pelos resultados do test t de student e o qui-quadrado que foi aplicado em 7425 jovens de nível sócio-econômico baixo que estudavam em escola pública, essa pesquisa foi realizada por Dutra-Thomé et al (2016). Teve-se como resultado que pessoas que os pais tem uma baixa escolaridade tem uma probabilidade significativamente maior, em comparação com as pessoas que os pais tem o ensino superior completo, de não se adequar a educação formal e acaba por desistir dela.

Para além das dificuldades já mencionadas, outro fator relevante para essa discussão se pauta na inserção dos estudantes negros e quilombolas no espaço acadêmico. Nesse sentido e segundo Rosemberg (2010), o processo de atraso na escolarização do negro no Brasil se dar

devido o modo que foi o processo de abolição e, conseqüentemente, a falta de inserção dos negros e negras no sistema educacional, logo, também, a falta de voto do povo afrodescendente por não ser alfabetizado. Até por volta da década de 60 do século XX os sujeitos negros permaneceram sem escolarização, depois desse período através dos movimentos sociais e do movimento negro, começa a ter acesso a educação, hoje contando com o sistema de cotas para o ensino superior para que seja garantido a inserção dele na educação de qualidade.

Porém, Rosenberg (2010) traz os dados que a escolarização de um jovem negro de 25 anos em comparação com um jovem branco é aproximadamente 2 anos a menos. Para o mesmo estudioso, isso é reflexo do processo de escravidão, da forma que ocorreu a abolição e da ausência de políticas públicas para a educação desse povo. O autor discorre que essa diferença tem uma grande contribuição da ausência da escolarização dos pais (ancestrais) dos jovens negros.

Se uma das opções que resta aos jovens universitários frente ao despreparo das universidades para uma adaptação adequada dos ingressantes é a desistência da graduação, a outra opção é enfrentar e tentar se adaptar ao novo mundo já que a instituição não fez o suficiente para se adaptar a esse jovem. Podemos ter (e muitas das vezes temos) aqui o início de alguns problemas que são tanto de natureza física quanto de natureza psíquica.

A saúde segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é um conceito muito vasto com relação aos tipos, ela não se limita apenas a saúde física, existem outras dimensões que também requer saúde. As diversas áreas da saúde não são independentes uma da outra, mas sim, funcionam de uma forma que são complementares para que o sujeito tenha um bom desenvolvimento. Portanto, “a saúde mental, a saúde física e a social são fios da vida estreitamente entrelaçados e profundamente interdependentes” (OMS, 2002, p. 29).

O processo de adaptação ao ensino superior muitas vezes sucede de forma conturbada e acabar por gerar problemas de saúde em pessoas que não conseguem se adaptar bem (Silveira et al, 2011). Como já discorremos anteriormente, pessoas que vem de famílias de baixa renda e de escolas públicas tem uma maior probabilidade de não se adequar a nova realidade (Dutra-Thomé et al 2016) e são essas as pessoas, na maior parte das vezes, que precisam do sistema de cotas para entrar no ensino superior. Logo, essas pessoas quando resiste e permanecem na graduação, por está passando por um período de grandes mudanças na vida acabam desenvolvendo problemas de saúde (Silveira et al, 2011).

Alguns problemas de saúde bem comum, por exemplo, é o estresse, Mondardo (2005) ao discorrer sobre as diversas mudanças que um jovem passa ao sair da casa dos pais para

uma vida universitária escreve que a vida se torna estressante. O estresse é um dos grandes problemas encontrados pelos recém universitários.

Outros autores que falam dos diversos conflitos que os jovens vivenciam no período da graduação, dentre eles Silveira et al, (2011) abordam que esses jovens durante essa fase acadêmica passam por um afastamento da família de origem, desenvolvimento de novas relações, isolamento social, a competição para entrar no ensino superior, a não preparação para enfrentar a dinâmica da graduação e a superproteção dos pais (Silveira et al, 2011).

Segundo a OMS (2002) é lamentável, mas as pessoas ainda não atribuem o valor necessário as perturbações que não são físicas. Ainda segundo a OMS (2002) a sanidade mental é afetada e tem uma porcentagem de 12% de todas as perturbações de todo o mundo. Assim como as pessoas não valorizam a importância que se deve ter com a saúde mental os países também não dão muita importância para esse fator de fundamental importância para uma boa adaptação do jovem cotista, para a OMS (2002) mais de 90% dos países de todo o mundo não contam com programas de intervenção nessa área com o público de crianças e adolescentes.

Portanto os jovens cotistas que adentra no ensino superior nas universidade, vem de um ensino já precarizado que não possibilitou condições para que ele conseguisse desenvolver uma adaptação na nova vida. Essas pessoas desenvolvem problemas relacionados ao estresse e, conseqüentemente, não tem um devido atendimento para o novo problema na vida. A falta de atendimento em muitos casos é realmente por inexistência de uma assistência com esse propósito como mostra os dados da OMS que citamos a cima.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossa experiência empírica foi possível obter resultados que tem uma relação forte com o que diz os autores que usamos na parte teórica. Por exemplo, uma questão de fundamental importância para o processo de adaptação é a financeira. Como segue nos trechos de nossa entrevista:

Teve um auxílio de dinheiro, muito pouco, não deu para me manter, mas com algumas ajudas deu para eu continuar. Foi o programa do governo que dá auxílio para os ingressantes da universidade, auxílio permanência temporário, aí foi nesse auxílio que eu me encaixei (informação verbal)¹.

Enquanto esse participante acima relatou que precisou de outras ajudas para se adaptar com as questões financeiras porque o auxílio que a instituição fornecia era insuficiente, o

outro participante, nesse caso mulher, relata que “Foi insuficiente (o auxílio)... passou um mês para receber... e para receber foi muito complicado...” (informação verbal)¹.

Outro ponto que apareceu e que deve ser levado em consideração em nossa pesquisa é a participação da família. Como relata este participante quando perguntamos como foi lidar com o afastamento da família e ele responde que... “foi difícil, mas estou superando. Nem sei... meu pai, por exemplo, acha bom.” (informação verbal)¹. É importante que se note no trecho literal que o participante não conseguiu elaborar completamente o distanciamento da família.

No processo de adaptação, para além das questões financeiras e das relações familiares as novas relações/vínculos merecem atenção, pois os participante mencionam que é algo que ocorre naturalmente mas que tem papel fundamental no processo de adaptação. Segue um trecho literal da fala de um dos participantes “olha, esses novos vínculos eu fiz aqui na universidade mesmo ali convivendo no dia a dia, fazendo grupo de trabalho, ai foi formando as amizades, novos vínculos sociais... eles ajudaram na distância da família com relação... Aí já supre a afetividade...”(informação verbal)¹ e também nesta outra fala que o participante relata que as pessoas simplesmente chegaram falando com ela na universidade e assim começou os novos vínculos “Foi bom... chegaram falando comigo e foi começando...” (informação verbal)¹.

Um outro aspecto que merece uma atenção é que os estudantes cotistas relatam que os ensinamentos anteriores tem sim uma fundamental importância para o ingresso no ensino superior, porém eles relatam que tiveram grande dificuldade em se adaptar, como segue, as duas primeiras citações com relação aos ensinamentos anteriores e as duas posteriores com relação ao processo de adaptação, elas são de dois dos participantes: “O ensino médio foi como um suporte para chegar ao ensino superior... foi essencial.”(informação verbal)¹e

o ensino fundamental acho que é a base de todo o estudo, o ensino médio dar o suporte para ingressar e chegar bem na universidade.... Os ensinamentos anteriores foram muito importante para mim porque me ajudaram a perceber... e quando chegar na universidade chegar bem e chegar preparado para cursar um curso superior. (informação verbal)¹;

“foi bem difícil...” (informação verbal)¹ e a do outro participante com as mesmas palavras, porém mais bem detalhada relata como foi o início do processo de adaptação:

No começo foi muito difícil assim... porque eu não tinha muito costume de ficar longe da família. Também o primeiro contato com a universidade, eu nunca tinha... depois que eu tinha terminado o meu ensino médio... ..eu tinha largado o estudo tinha parado aí foi mais difícil essa retomada... foi mais complicado devido essa parada (informação verbal)¹.

Através de nossa pesquisa, concluímos que realmente importante o ensino que se tem antes para eles ingressarem no nível superior. Porém, esses estudos anteriores não são capazes de desenvolver habilidades de auto-adaptação, eles relatam que é fundamental o auxílio da monitoria para que consigam adaptar-se durante os primeiros períodos. Logo, as fases da educação anteriores para essas pessoas contribuem para o ingresso, porém, não para a adaptação.

Sim teve (...) um auxílio em monitoria, a monitoria foi muito importante para a adaptação ao curso porque chegando... não tinha muito experiência... já fazia um tempo que estava longe da sala de aula, aí com a monitoria me ajudou bastante em trabalho, estudo, porque quando a gente chega não tem noção de nada. O professor passa ali para a gente estudar, mas a gente não sabe como estudar e com a monitoria a gente vai tendo uma direção (informação verbal)¹.

Com relação a saúde as áreas mais afetadas são a saúde física e saúde psíquica. Como podemos notar nessas citações que são do mesmo participante “a preocupação vai desgastando a mente (...)” (informação verbal)¹, “a mente vai sendo cada vez mais exigida... vai tendo uma exigência física e mental” (informação verbal)¹. Com relação a saúde física este participante relata que “física eu percebi, o cansaço aumentou, tudo assim a gente vai percebendo... a correria do dia a dia... é muita coisa que vai ocorrendo e a gente vai percebendo...” (informação verbal)¹ as mudanças de rotinas tem papel tão importante que causa problemas de saúde. Ou saúde mental como há nesse fala que o participante¹ relata as mudanças como sendo sinônimos da loucura “antes eu era normal, no primeiro período. Eu estou mais doida, mais louca... eu percebo...”, esse é um ponto importante porque segundo a OMS (2002) esse tipo de doença chega a 12% de todas as doenças mundiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de adaptação para jovens cotistas ao ensino superior, tem se tornado cada vez mais um problema com dimensões maiores e multi-fatoriais. Não podemos ser simplistas e pensar em causa e efeito, mas sim, causas, efeitos e correlações.

Essas relações tem causado doenças de diversas dimensões em estudantes da graduação. Doenças físicas são as mais fáceis de serem notadas, porém não são as únicas, as doenças de dimensão psíquica tem um grande impacto na vida das pessoas que ingressam ao nível superior e não teve uma base boa para esse período da vida. Não estamos desconsiderando que pessoas com ótima escolarização pode ter ou desenvolver dificuldades de adaptação e conseqüentemente doenças, mas sim, estamos ressaltando que o publica que é cotista desenvolve essas doenças.

¹ Relato verbal de estudantes de graduação que são cotistas da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Miracema, sobre o processo de adaptação ao ensino superior em, Agosto de 2019.

O processo educacional precisa libertar o indivíduo para conseguir se adaptar sozinho a qualquer ambiente e quando ele fizer isso terá cumprido a sua função principal. Caso isso ocorresse as monitorias funcionariam como um potencializador do aprendizado e não como um nivelador.

Esse tema tem forte relação com questões de raça e de desigualdade social, consequentemente, educacional. Por essas razões, esse é um tema complexo. Portanto, para se entender o processo de adaptação ao ensino superior precisa-se entender as diversas dimensões do ser humano, isso porque é uma problemática física, psicológica e social.

Para concluirmos ressaltamos que é de fundamental importância que sejam feitas novas pesquisas nessa área. Será importante que sejam publicadas pesquisas mais focalizadas para que tenham uma noção ainda melhor da dimensão do problema. Não foi nosso objetivo esgotar o tema, mas sim, levantar pontos para a reflexão. Como temos algo multi-fatorial, de constituição histórica e relacionado com diversos outros temas, faz-se necessária pesquisas que foquem nas diversas variáveis para ter um explanamento completo do tempo.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.

_____. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. **Psicologia sócio-histórica**, v. 3, p. 15-35, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.

DE OLIVEIRA MAIER, Suellen Rodrigues; DE MATTOS, Magda. O trabalhar e o estudar no contexto universitário: uma abordagem com trabalhadores-estudantes. **Saúde (Santa Maria)**, v. 42, n. 1, p. 179-185, 2016.

FERNANDES, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. Liv. Pioneira Ed., São Paulo, 1960, p. 29-30.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GISI, Maria Lourdes. A Educação Superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 17, p. 97-112, 2006.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Investigación cualitativa y subjetividad**. 2006.

KIMMEL, Michael S .. Produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 4, n.9, p.103-117, outubro de 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200103&lng=en&nrm=iso>. acesso em 15 de setembro de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasília). INEP. 2015. **CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR 2014 GLOSSÁRIO**, Brasília: [s. n.], 2015. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/questionarios_e_manuais/2014/glossario_curso_2014.pdf. Acesso em: 4 set. 2019.

MONDARDO, Anelise Hauschild; PEDON, Elisangela Aparecida. Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. **Revista de Ciências Humanas**, v. 6, n. 6, p. 159-180, 2005.

MOROSINI, Marília Costa et al. A evasão na Educação Superior no Brasil: uma análise da produção de conhecimento nos periódicos Qualis entre 2000-2011. In: **Congressos CLABES**. 2011.

QUEIROZ, Dulcele M.; SANTOS, Jocélio Teles dos. Ações afirmativas para negros no ensino superior e desempenho de estudantes. In: COSTA, Livia F.; MESSEDER, Marcos Luciano L. (Org.) **Educação, multiculturalismo e diversidade**. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em: ufba_capliv_2010_DMQueiroz_JTdosSantos.pdf_ Data de acesso 30 de Agosto de 2019.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária-um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, p. 55-70, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: pontos para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, p. 11-32, 2010.

SANTOS, Patricia Vaz Sampaio. Adaptação à universidade dos estudantes cotistas e não cotistas: relação entre vivência acadêmica e intenção de evasão. **Master's thesis**). Federal University of Bahia, Salvador, Brazil, 2013.

SILVEIRA, Celeste et al. SAÚDE MENTAL EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR. **Acta Médica Portuguesa**, v. 24, 2011.

SIMÕES, Ângela Sofia Lopes; SAPETA, Ana Paula Gonçalves Antunes. ENTREVISTA E OBSERVAÇÃO. INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA. **Investigación Cualitativa**, v. 3, n. 1, p. 43-57, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Relatório mundial da saúde-Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde, 2002.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 226-370, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf> > data de acesso: 29 de agosto de 2019.